



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## PAULO FREIRE & ARTE-EDUCAÇÃO – MATRIZES DE UMA METODOLOGIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES SOCIAIS

Alvaro Pantoja Leite

Doutorando em Ciências da Educação, investigador colaborador do  
Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE),  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto (FPCE-UP).

Endereço eletrônico: alvarpan@gmail.com

Rosa Soares Nunes

Doutora em Ciências da Educação, investigadora efetiva do  
Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE),  
professora e orientadora nas Pós-graduações em Ciências da Educação,  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto (FPCE-UP).

Endereço eletrônico: rosasoaresnunes@gmail.com

### **Resumo**

O Centro Nordestino de Animação Popular (CENAP, Recife-Brasil), tendo atuado de 1989 a 2006 em programas e projetos de formação de educadores sociais, desenvolveu através de uma equipe interdisciplinar de formadores, uma proposta metodológica vivenciada por alguns milhares de educadores sociais na região nordeste do Brasil.

A reflexão sobre essa experiência, tomada como objeto de uma tese de doutoramento em Ciências da Educação, abriga a intencionalidade de contribuir à discussão de concepções teórico-metodológicas do fazer educação, voltada a fundamentar uma renovação de práticas educativas, particularmente em processos de formação com educadores sociais e outros agentes do trabalho social-educativo. Pergunta-se por desafios, possibilidades e efeitos da re-criação metodológica neste trabalho, tendo como fonte o pensamento de Paulo Freire em diálogo com outras fontes, especificamente a abordagem da Arte-Educação.

### **Palavras-chave:**

Arte-Educação; Educadores Sociais; Formação; Metodologia; Paulo Freire

Na Introdução à obra de Ernst Fischer *A Necessidade da Arte*, Antonio Callado refere que o problema principal da arte do nosso tempo, “em que estala por todas as juntas a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

armadura do capitalismo”, é criar uma ponte nova entre o povo e o artista – entendendo-se por povo todo o mundo, todos os não-artistas.

O ser humano “anseia por unir na arte o seu ‘eu’ limitado com uma existência humana coletiva” (FISCHER 1966, p.13)<sup>1</sup>, na procura de um mundo mais justo, em que não se consuma nos limites das possibilidades transitórias do seu ‘eu’, mas se relacione a algo mais que, sendo-lhe exterior, não deixe de lhe ser essencial. Anseia “por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si (...) e *tornar-se um* com o todo da realidade”, como caminho para a plenitude; “por unir na arte o seu ‘eu’ limitado com uma existência humana coletiva e por tornar *social* a sua individualidade”. A arte é um canal indispensável para atingir essa união. Mas, exercitando a função interrogativa da linguagem, Fisher vai além dessa formulação: não conterà ela “também o contrário dessa perda ‘dionisíaca’ de si mesmo? Não conterà a arte igualmente o elemento ‘apolíneo’ de divertimento e satisfação” através do qual o ser humano escapa ao poder direto com que a realidade o subjuga, libertando-se, na arte, do esmagamento em que se acha sob o quotidiano? Nessa dualidade, e sendo a tensão e a contradição dialéticas inerentes à arte, esta “reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e de idéias” (idem, ibidem).

O pensamento de Paulo Freire volta-se, cheio de esperança, para o esforço do sujeito histórico em superação de si próprio; para o reconhecimento da sua transitoriedade e inacabamento; para a função da arte na articulação ética e estética de um fazer educação que vai na contramão de “um pensamento único, verdadeiro, exclutor de todos os outros; que, no tom da sua contestação ( ... ) deixa a nu a condição contingente e circunstancial de todas as certezas, de todas as verdades” (NUNES, 2005, p.189).

## **EDUCAÇÃO SOCIAL: O CONCEITO E OS SUJEITOS**

O debate da *educação social* – um conceito que emerge nos anos 90, no auge da força das políticas neo-liberais – dá-se num contexto de enfrentamento de concepções e práticas pedagógicas (escolares e não-escolares), de embates entre projetos sociais e educacionais, bem como de novas ou renovadas formas de exclusão social e do

---

<sup>1</sup> FISCHER, Ernst. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966. Original em língua alemã (Dresden, 1959). Tradução da edição inglesa (Londres, 1963) por Leandro Konder.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

“surgimento de novos movimentos sociais”<sup>2</sup>. Focaliza, sobretudo, a educação de crianças, adolescentes e jovens – mas também adultos – em situação de vulnerabilidade social ou “de risco”. No contexto brasileiro, para as concepções e práticas que têm sua origem nos trabalhos caracterizados como *Educação Popular*<sup>3</sup> referenciados ao pensamento de Paulo Freire, a educação social é abordada como um campo de experimentação de estratégias pedagógicas de constituição de uma cidadania ativa e da formação de novos sujeitos sociais de direitos.

Discutindo as relações entre os conceitos *exclusão* e *educação social*, a partir de uma análise de experiências e reflexões sobre educação social no Brasil e no Uruguai, considerando que nesses dois países “há uma consciência de que existe uma relação entre a exclusão social e educacional e um sistema produtor dessa exclusão”, RIBEIRO (2006) encontra algumas identificações comuns a tais concepções e práticas:

*a afirmação de que o trabalho com estas populações exige uma nova pedagogia, um novo currículo, conteúdos e métodos adequados às necessidades dos educandos; da visão de integralidade da educação, nos seus aspectos teórico-práticos envolvendo o conhecimento, o corpo e a sensibilidade; da finalidade, que tem no resgate da cidadania o ponto central do trabalho pedagógico.* (p.169)

*Educador(a) Social* é o nome dado ao agente, profissional (*profissional militante*), que trabalha com pessoas participantes de programas e projetos sociais, “um profissional que desempenha desde ações pedagógicas, intervenções sociais até orientações e aconselhamentos”. ALVES HORTA (2010), pontuando alguns aspectos peculiares do perfil deste profissional identificados por outros estudos, considera que “a grande revolução da Educação Social consiste exatamente na *praxis* no e com o social”.

E a consciência desta prática, que é dinâmica, produz um conhecimento que “vai legitimando e reformulando as formulações teóricas da Educação Social, compondo sua especificidade e sua própria identidade”. Assim entendida, a Educação Social

---

<sup>2</sup> Dos vários textos e livros que analisam este contexto, destaca-se, no Brasil: DAGNINO, Evelina. Os Movimentos Sociais e a emergência de uma nova noção de Cidadania. Em: *Os Anos 90: Política e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994; em Portugal: SANTOS, Boaventura S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento, 1999 (7ª. ed.)

<sup>3</sup> Em termos gerais, trata-se de um campo de experiências sócio-educativas que se referem a um movimento de idéias e práticas denominadas *de Educação Popular*, inspiradas no pensamento de Paulo Freire, movimento este que tomou corpo e ganhou expressão no Brasil e em diversos países da América Latina e Caribe, nas três últimas décadas do século passado.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*é uma profissão que tem por atraente empreender uma prática – social, educativa, política, ética compreensiva – de enfrentamento das expressões da questão social, principalmente de forma educativa, no que tange às interfaces pobreza/riqueza e às recorrências do progressivo empobrecimento da população. (p.76)*

A atuação deste sujeito – o(a) educador(a) social – configura um fazer profissional que se confronta com o binômio “solidariedade e barbárie social” no cotidiano, com necessidades e carências fundamentais das pessoas, “não só nas esferas do econômico, do educativo, do cultural, como também na do afetivo.” Trata-se, portanto, “de uma prática complexa e essa complexidade é educativa, política, organizativa, interventiva”. Então, as questões que se colocam a este profissional atravessam as fronteiras disciplinares de uma área específica de saber, “provocando uma postura epistêmica capaz de alcançar um conhecimento mais global, resultante também da mais íntima relação que se possa estabelecer entre pensamento e emoção”.<sup>4</sup>

Daí que, frente ao desafio de restabelecer os circuitos entre modos desiguais de pensamentos e diferentes práticas, este educador social tem o difícil compromisso de

*‘transrelacionar’ uma cultura do conhecimento centradamente cognitiva, excessivamente enfraquecida pela compartimentalização, com uma cultura de conhecimentos multidimensionais alavancada por uma possível formação/atuação transdisciplinar. Essa formação/atuação se constroem, assim, no encontro ou no confronto com outras culturas, na disposição para o conhecimento e para o autoconhecimento, no fortalecimento de uma consciência aberta, policêntrica e protagonizadora do ato criativo. (p.77)*

“Um exercício desafiante” no qual, ao modo das formulações do pensamento da complexidade/transdisciplinaridade (MORIN, 2000) combinam-se pensamento, ação, experiência, emoção, valores, compreensão dos níveis de realidade, para levar a termo “uma nova *praxis*”. Conclui ALVES HORTA: “a retomada da atividade cívica articula-se à atividade educativa e dessa competência resulta uma das estratégias para sairmos do conformismo generalizado” (2010, p.79). Caberia então ao educador social “uma formação orientada à participação ativa na construção do bem comum”.

## **UMA ABORDAGEM SOBRE EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO**

---

<sup>4</sup> Nossa referência para o aprofundamento desta abordagem encontra-se em: MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998



*Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para outro ou no transcurso do tempo. Martin Heidegger<sup>5</sup>*

A *experiência* é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, ou o que acontece, ou o que toca. O ser humano é um ser que dá significado às coisas do mundo e deriva significado delas, ou seja: para nós, as coisas do mundo se experimentam significativamente. A experiência relaciona-se à capacidade dos seres humanos para dotar de significado e sentido o relato de suas próprias vivências.

Em diversos textos de LARROSA (2000, 2002) encontramos uma alentada e peculiar reflexão sobre esses dois conceitos – *experiência* e *formação* – e sua articulação na ideia de *experiência formativa*. Conceitos-chave da modernidade, particularmente na filosofia alemã<sup>6</sup>, eles são retomados e contemporaneizados pelo autor à base da desconstrução radical operada pelo pensamento de F. Nietzsche.

*O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante é ( ... ) a “exposição”, nossa maneira de (nos) “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (2002, p.25)*

Comentando as duas últimas linhas do parágrafo de Heidegger (citado acima), LARROSA aponta outro componente fundamental da experiência, qual seja, sua capacidade de formação ou de transformação. É *ex-periência* aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. “Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.”

---

<sup>5</sup> HEIDEGGER, Martin. La esencia del habla. In: \_\_\_\_\_. *De camino al habla*. (p.143). Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987 (cit. por LARROSA 2002, p.25)

<sup>6</sup> *Experiência* (Erfahrung) é o que se passa numa viagem (Fahren): o que acontece a alguém numa viagem, como lembra LARROSA. “Bildung” é uma palavra que significa *formação, cultura* e também *educação, processo educativo-formativo*; um termo característico da filosofia transcendental, próprio do romantismo alemão, especialmente em Herder e Goethe. Significa o processo pelo qual se adquire a cultura. Está vinculado às ideias de *ensino, aprendizagem e competência pessoal*.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Neste sentido entende que, se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um “território de passagem”, então “a experiência é uma paixão”.

*Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. (2002, p.26)*

Daí vem a idéia de *experiência formativa*, essa idéia que “implica um se voltar para si mesmo, uma relação interior com a matéria de estudo”, que contém, em alemão, a idéia de *viagem*. E ainda, acrescenta: “o *saber da experiência* se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”, nota que sublinha a qualidade existencial deste saber, isto é, sua relação com a vida singular e concreta de existentes singulares e concretos. Vale dizer, a *experiência* e o *saber* que dela deriva são “o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”. Assim entendida,

*a formação é uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual a questão é esse próprio alguém, a constituição desse próprio alguém, e a prova e desestabilização e eventual transformação desse próprio alguém. (2000, p.52)*

Por isso mesmo, conclui LARROSA, a experiência formativa, da mesma maneira que a experiência estética, é uma chamada que não é transitiva...

*O que esta relação interior produz não pode nunca estar previsto. A chamada, quando é confiável, exaustiva e vibrante, musical e estremecedora ela mesma ante aquilo que atinge alguém, então ela é eficaz. O que ela produz é algo que alguém não pode chamar de transitivo, produz isso e aquilo. Assim, a viagem exterior se enlaça com a viagem interior, com a própria formação da consciência, da sensibilidade e do caráter do viajante. A experiência formativa, em suma, está pensada a partir das formas da sensibilidade e construída como uma experiência estética. (2000, p.52-53)*

## UMA PERSPECTIVA EM EDUCAÇÃO

*Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição...* (FREIRE, 1997)<sup>7</sup>

Compreendendo a educação como possibilidade de afirmação e/ou atribuição de novos significados aos modos de pensar, sentir e agir individual e coletivamente - como *ação cultural*, portanto; e a vivência quotidiana como “lugar de produção de sentidos e da tecitura de mudanças na sociedade, na política, na economia e nos modos de (inter)subjetivação”, o coletivo de formadores(as) do Centro Nordestino de Animação Popular – CENAP (Recife-Brasil) construiu uma proposta metodológica tendo como fonte primordial a *educação popular paulofreireana*; neste caminho, agregou a *arte-educação* como perspectiva pedagógica e a *complexidade/transdisciplinaridade* como perspectiva teórico-metodológica. (cit. em PANTOJA LEITE, 2007, p.44)

Em consonância com essas referências, afirmam ter aprendido que “a prática cidadã se constrói no cotidiano a partir das *redes de relações* que os sujeitos tecem em diferentes níveis: consigo próprios, com as instituições político-sociais e com o meio ambiente”. Entendem que tais relações geram as condições para se situarem como construtores de direitos e de desejos, bem como das políticas que os asseguram - e não apenas na condição de ‘beneficiários’ de direitos legalmente constituídos. Igualmente, consideram importante afirmar o trabalho social-educativo como possibilidade de:

*\* (Re)criação de concepções e práticas de cidadania que ultrapassem os muros dos direitos formais e situem as pessoas e organizações em suas responsabilidades e compromissos com o mundo da vida em toda sua complexidade.*

*\* Construção de referenciais teórico-conceituais e metodológicos que integrem as dimensões de raça, gênero, geração e classe social em práticas políticas-pedagógicas afirmativas da justiça, da igualdade de direitos e do respeito à diversidade dos modos de ser.*

*\* Constituição de redes, integrando antigos e emergentes sujeitos sociais, fortalecendo um campo político capaz de colaborar na afirmação de uma sociedade justa e radicalmente democrática. (CENAP)<sup>8</sup>*

---

<sup>7</sup> Não é possível também formação indiferente à beleza e à decência que estar no mundo, com o mundo e com os outros, substancialmente, exige de nós. Não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensaio estético e ético. (Nota de pé de pág. em *Pedagogia da Autonomia*. FREIRE 1997, p.51)

<sup>8</sup> CENAP, *Projeto Institucional*. Documento Institucional. Recife, 2004



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Privilegiando na educação o *sentir* e o *pensar* como premissas do conhecimento, a proposta do CENAP privilegia também pedagogias que incorporam estratégias cognitivas, artísticas, musicais... Perspectiva que as práticas educativas que compõem tais estratégias, não só criem condições para a compreensão e expressão de um fluxo de idéias e emoções, como permitam que os educandos/formandos “operem semióticas que resultem em sentido para suas vidas”.

Trata-se de uma abordagem da educação que considera a profunda unidade entre *processos cognitivos* e *processos vitais*. Nela, o termo ‘aprendizagem’ em várias formulações é substituído pelo termo ‘*aprendência*’,

*que traduz melhor, pela sua própria forma, este estado de estar-em-processo-de-aprender, esta função do ato de aprender que constrói e se constrói, e (traduz melhor) seu estatuto de ato existencial que caracteriza efetivamente o ato de aprender, indissociável da dinâmica do vivo.*  
(ASSMANN 1998, p. 128)

Para o coletivo de formadores do CENAP, as mudanças pessoais que o processo educativo/formativo busca favorecer, têm sentido também se questionam e modificam a complexa trama das relações sociais de opressão baseadas nas diferenças de classe, raça/etnia e gênero. “Isso exige mudanças pessoais e coletivas, de abertura a novas práticas, de (auto)crítica a nossas atitudes, concepções e formas de vida.”

*Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. ( ... ) Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.* (FREIRE, 1997, p.25-26)

Então, como conclui FREIRE, “não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também.” (p.44)

A partir de tais entendimentos sobre educação, nas atividades realizadas em processos de formação com educadores(as) sociais, afirmam os(as) formadores(as) do CENAP:

*queremos e trabalhamos para construir condições favoráveis à expansão:*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*\* da autonomia dos sujeitos individuais e coletivos para criar novas formas de perceber, nomear e produzir mudanças sociais;*

*\* da solidariedade que se manifesta nas relações sociais, nas trocas materiais e simbólicas e nas discussões e decisões cidadãs;*

*\* da inventividade relativa ao trabalho, à cidadania, ao saber/conhecimento, fruto e reforço da autonomia das pessoas que, ao soltarem seu poder criativo, contribuem na construção de condições para uma vida digna para todos(as). (CENAP)<sup>9</sup>*

## **O PIPA: UM PROJETO EM TORNO DA IDENTIDADE DO(A) ARTE-EDUCADOR(A) POPULAR**

*Eles não sabem, nem sonham, / Que o sonho comanda a vida,  
Que sempre que um homem sonha / O mundo pula e avança  
Como bola colorida / Entre as mãos de uma criança.<sup>10</sup>*

O *Projeto Inclusão Pela Arte*, impulsionado pelo CENAP, desenvolveu-se a partir do último trimestre de 2003 até o final de 2006. O *PIPA* foi concebido e elaborado pelo desejo coletivo de jovens educadores(as) sociais que atuavam em 26 organizações sociais de 8 municípios/cidades do estado de Pernambuco junto a crianças, adolescentes e jovens.<sup>11</sup> Como característica comum predominante, identificou-se a intervenção através de diferentes práticas sócio-educativas que envolviam a Arte e a Cultura.

O contexto era favorável e desafiador. Por um lado, crescimento do número de “projetos comprometidos com questões sociais, que consideravam a Arte e a Cultura importantes na afirmação dos direitos humanos e no enfrentamento de situações de violência”. Por outro, agentes – educadores(as) sociais / arte-educadores(as) / animadores(as) culturais – “em condições inadequadas de trabalho, com pouca visibilidade do que faziam e com fragilidades de formação e de organização enquanto coletivo”. (CENAP, 2006, p.8)

Neste contexto, o PIPA se propôs “construir uma ação social articulada que amplie e qualifique o papel e o lugar da Arte-Educação, do(a) arte-educador(a)/educador(a) social e dos(as) animadores(as) culturais, em processos de Inclusão através da Arte, no Estado de Pernambuco.” (idem, p.15). A este objetivo central foi acrescentada “a

<sup>9</sup> CENAP. *Projeto Institucional*. Doc. cit.

<sup>10</sup> Extrato do poema *Pedra Filosofal*, de António GEDEÃO. Em: *Movimento Perpétuo*. Lisboa, 1956.

<sup>11</sup> Durante o período de desenvolvimento do projeto estiveram envolvidos nas ações de formação mais de 100 jovens educadores e educadoras de 42 organizações sociais.



perspectiva de experimentação<sup>12</sup> e difusão de alternativas para a melhoria da qualidade da educação, dentro e fora da escola” (idem, ibidem).

Para tanto, buscou-se criar no PIPA um “ambiente de formação” através de ações interligadas – oficinas, rodas de diálogo, feiras culturais, articulação e sistematização – nas quais eram exercitadas diferentes habilidades, “construindo espaços de ampliação e troca das capacidades do sentir, do fazer e do pensar”: um ambiente que refletia os caminhos percorridos pelas práticas de arte-educação das organizações envolvidas.<sup>13</sup>

Tal formação deu ensejo a que cada participante construísse e compartilhasse uma narrativa de seu próprio percurso, “história recheada de histórias”, confrontando-se com “uma multiplicidade desconcertante, cambiante de identidades possíveis”.<sup>14</sup> Deste “mergulho nas identidades”, descobrindo-se e afirmando-se como “aprendizes do viver”, (re)afirmaram e contextualizaram o emergir da denominação *Arte-Educador(a) Popular* “como fonte e referência para intervirem e serem reconhecidos(as) no espaço público enquanto um *Sujeito Coletivo*”. Em síntese:

*o nosso perfil de arte-educadores(as), educadores(as) populares, animadores(as) culturais, evidenciado através do PIPA, nos autoriza a dizer que o(a) arte-educador(a) popular se constitui pela sua presença militante em diferentes espaços onde circula, espaços esses demarcados pelos movimentos populares, por uma prática sócio-educativa impulsionada e animada pelos valores da educação popular, somando ainda sua vivência com expressões da cultura popular, e por sua própria condição sócio-econômica. Somos buscadores(as) de uma visão criativa, curiosa, crítica, permitindo-nos sonhar e ousar. Enfrentamos, como não poderia deixar de ser, contradições, conflitos e limites; somos tenazes no desejo e concretização de caminhos e condições de uma vida com dignidade e justiça.*  
(CENAP, 2006, p.23)

<sup>12</sup> *Experimentação* neste texto (cfr. CENAP, 2006, p.8) difere da idéia de “laboratório” e se assemelha à ideia de *experiência*, em que o ato educativo se dá no próprio acontecer da experiência e não na busca de testar ou conferir um modelo. Trata-se de evitar a confusão de *experiência* com ‘experimento’, de “limpar a palavra *experiência* de suas contaminações empíricas e experimentais, de suas conotações metodológicas e metodologizantes”. (cfr. LARROSA, 2002, p.28).

<sup>13</sup> Estavam envolvidas pessoas, grupos e organizações, identificadas com diferentes práticas de Arte-Educação, que “se apresentam como Educadores(as) Sociais, Arte-Educadores(as) e Animadores(as) Culturais, vinculados a escola pública, programas Escola Aberta, Animação Cultural, organizações comunitárias, organizações não-governamentais (ONGs), entre outras”. (CENAP, 2006, p.14)

<sup>14</sup> HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997 (cit. em CENAP, 2006, p.17)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## AS FEIRAS CULTURAIS DE ARTE E CIDADANIA

Entre as modalidades de ação formativa desenvolvidas com os participantes do PIPA, o destaque é dado aqui à *Feira Cultural de Arte e Cidadania*: foram 4 Feiras realizadas no período de duração do projeto, cada qual numa escola ou centro educacional em um município/cidade diferente. Uma experiência intensa e inovadora em vários aspectos, vindo a constituir um dispositivo pedagógico formativo complexo, cuja ativação – em cada edição da Feira – implicava um processo de cerca de 3 meses de trabalho na preparação, para um único dia de realização, mais outro período de avaliação e sistematização da experiência. O processo envolvia o conjunto de jovens educadores(as) do Projeto – entre 30 e 40 participantes – além de outros(as) educadores(as) de suas organizações, professores e alunos da escola onde acontecia a Feira, bem como grupos culturais e artistas da comunidade local e responsáveis de alguns serviços públicos, particularmente da Secretaria de Educação do município.

- ***Fazer Feira Fazendo Formação***

### **A Feira Cultural como dispositivo pedagógico de formação**

A questão orientadora que guiou o trabalho de sistematização da experiência foi: “Que aprendizados a reflexão traz desse processo de produção cultural que mobiliza, organiza e realiza a formação, movendo pessoas, envolvendo grupos?”. Os participantes buscaram compreender seus aprendizados “separando e entrelaçando as dimensões pedagógica, política e afetiva”, percorrendo nesse processo da sistematização o caminho que haviam escolhido coletivamente. Iniciaram por expressar o que entendiam por *pedagógico*, “uma teoria que dá orientação ao jeito de fazer educação”.

Nas Feiras, este jeito manifestou-se através de uma combinação singular de múltiplas modalidades de ação: oficinas diversas, apresentações culturais, exposição e feira de arte, artesanato e produtos vários, rodas abertas de diálogo etc. – atividades escolhidas a partir de critérios construídos no *diálogo* que caracterizou a gestão coletiva do projeto. Uma *praxis* orientada pelos objetivos do PIPA e pelo que o coletivo, em sua articulação com diferentes práticas/saberes, “conseguiu imprimir e fazer ganhar vida nesta ação”.

*Fomos assumindo uma gestão de forma compartilhada, fazendo-nos produtores(as), articuladores(as) e mobilizadores(as) de recursos, além de*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*facilitadores(as) de oficinas na linguagem artística ou no tema com o qual nos afinamos; a diversidade de posturas, atitudes e linguagens constitui-se em elemento de aprendizagem na organização da Feira; as oficinas são preparadas, há um roteiro orientador, as avaliações e os resultados que vão se revelando em todo o processo, são registradas e consideradas ( ... ) Nos relatórios de avaliação registramos depoimentos reveladores de aprendizados, que afirmam a Feira como uma ação-evento pedagógica e artística, que produz cultura, gera possibilidades criativas e pode se constituir referência para outros projetos pedagógicos. (p.30)*

No percurso pedagógico, agregaram singularidades e referências da prática educativa do CENAP, das demais organizações participantes e dos próprios sujeitos/formandos. Estimulou-se a integração de educadores(as) de organizações diferentes, para coordenarem juntos uma mesma oficina. E ainda, no processo foi afirmada e confirmada a importância de dar atenção aos conflitos e tensões, particularmente no que tange às relações de gênero e raça e, também, à diversidade de público, às diferenças geracionais (diferentes gerações/faixas etárias) e de fazeres/saberes em presença.

“Levamos alegria, cores e animação para a escola pública como algo transformador”, disseram, tanto no que alimenta uma prática pedagógica desafiadora como no que remete à percepção de “uma certa brasilidade”: um jeito próprio de fazer acontecer “educação como *ação cultural*” (Paulo Freire), portanto. Enfim, as Feiras Culturais significaram, do ponto de vista dos(as) educadores(as) sociais/arte-educadores(as):

*Um campo de aprendizagem e expressão coletiva de caráter político, cultural, pedagógico e econômico, que abre espaço para novos elos de articulação e amizade e que possibilita o aprendizado sobre como lidar com nossos limites e com o dos outros, fazendo reconhecer-nos no somatório de esforços, na transformação e valorização da auto-estima. (p.31)*

### **Ambientação como dimensão pedagógica na estética da Feira**

*Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente "lido", interpretado, "escrito" e "reescrito". Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no "trato" deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola. (FREIRE, 1997, p.109)*

A abordagem em foco considera que “os ambientes falam e têm poder”. Percebemos que neles pode-se manter ou desconstruir relações e ordens. As Feiras Culturais de Arte



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

e Cidadania deram forma a uma experiência que propiciou reconhecer esta atividade enquanto ambiente de aprendizagem, isto é: como *locus* de reflexões e olhares indagadores sobre os espaços onde se desenvolvem práticas educativas, relacionando-os como dimensões do conhecimento estético. “Os espaços em que aconteceram as Feiras oportunizaram pensá-los a partir de uma idéia de organização que inclui e integra a diversidade presente neste tipo de ação.” (CENAP, 2006, p.32). Prefigurou-se assim uma possível reorganização social, favorecedora da interação que manifesta o espírito contido na dinâmica da Feira. Afirmou-se o entendimento de que isto tem a ver com cores, animação e alegria que, vivenciadas de forma subjetiva, “acentuam a dimensão lúdica da existência (e da educação!), renovam forças vitais, acolhendo tanto o planejado como o inesperado que surge no processo”. Desenvolveu-se a compreensão de que “o espaço é pensável”, que tem um papel no atendimento à necessidade de criar uma nova ordem, uma outra identidade que dialogue com o que está estabelecido – no caso, o espaço em que a Feira é arquitetada (uma escola pública municipal).

Durante a formação vivenciada, aprofundar e questionar as relações e conexões que se podem tramar e desenvolver na construção da ambiência da Feira levou a pensar a ambientação como linguagem artística e expressão estética, um espaço ‘arquitectural’ (arquitetura e cenografia). “Ocupamos os ambientes (da escola) desengessando-os, reconstruindo-os, idealizando-os e os planejando de forma criativa”.

A intencionalidade pedagógica implicada é uma de “estar atentos(as) aos símbolos e signos que possam valorizar a identidade da ação e fortalecer a idéia do ambiente como linguagem da arte”. O espaço/ambiente é, assim, visto como algo modelável, capaz de tornar-se mais orgânico e afinado com a proposta educativa. Os ambientes são pensados como “dotados de vida”, podendo gerar bem-estar e saúde, como também o contrário: materiais e objetos podem interferir criando impedimentos, tanto visíveis como sutis, em relação àquilo que se quer. Entende-se que isto passa por construir “ambientes que contribuam com valores democráticos e éticos”, bem como por “desconstruir espaços que favoreçam comportamentos e posturas autoritárias, hierárquicas e centralizadoras”.

Na construção do ambiente, em todas as Feiras realizadas, considerou-se a presença de uma *lona de circo* como afirmativa do lúdico, do espaço da alegria e de que algo diferente ali acontecia, “movendo curiosidades...” Preenchê-la com expressões



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

artísticas, através da dinâmica das apresentações e da presença das pessoas, criou um clima todo próprio de motivação. “Diante e dentro de tantos sons, cores e formas, a magia do circo acontece”, disseram. Debaixo da lona as apresentações se sucediam, alternando o espaço cênico – palco e chão, “fazendo pulsar um sentido democrático, por abrigar diferentes linguagens e jeitos artísticos de expressar mundos.”

- **A Feira Cultural como um caleidoscópio da arte cidadania**

*Uma sociedade onde caibam todos só será possível num mundo no qual caibam muitos mundos. A educação se confronta com essa apaixonante tarefa: formar seres humanos para os quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais e elementos definidores dos sonhos de felicidade individual e social. (ASSMANN 1998, p.29)*

Podemos dizer que a maioria dos(as) arte-educadores(as) presentes às Feiras, encontrou nessa prática educativa do PIPA um espaço que permitiu reconhecer-se como parte de um mesmo campo de ação social – “a cultura e a arte a favor das mudanças sociais” – alimentando uma perspectiva de *atuação em rede*, enquanto sujeito coletivo que tenta perceber sua face política e suas necessidades públicas no mundo.

O foco principal foi colocado na *arte-educação*, que traz a possibilidade de se trabalhar a autonomia, o diálogo, e afirma o direito à educação e à cultura. Traz também uma reflexão que considera o contexto histórico de luta pelo reconhecimento da arte como estimuladora e produtora de conhecimentos, através de suas diferentes linguagens.

*Falar em arte-educação na formação do ser humano, numa atmosfera de pobreza e violência, requer que olhemos as bases que formam nossa cultura e os consequentes movimentos da política sócio-cultural, com os quais nos deparamos quotidianamente, para irmos nos distanciando de práticas que alimentam atitudes de receptores(as) passivos(as). (CENAP, 2006, p.28)*

Um outro desafio enfrentado nessa prática educativa foi conhecer e lidar com a diversidade cultural constitutiva do PIPA: experiências variadas que constroem seus enfoques e significados pedagógicos segundo o contexto social e político da comunidade onde se inserem, supostamente considerando as diferenças e singularidades da expressão humana. “É possível sonhar com uma sociedade onde caibam todos(as), se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

nossos modos de conhecer conduzem a uma visão do mundo na qual cabem variados saberes e múltiplas formas de ser.” (CENAP)<sup>15</sup>

A Feira Cultural de Arte e Cidadania a partir do encontro de diferentes sujeitos, gerações e linguagens artísticas e culturais no espaço público, *arma o circo* e se faz semente, “mostrando a cara do que é possível fazer no âmbito da educação e na vida da cidade onde se realiza”. Foi assim que provocou o diálogo com a escola pública, com diversos grupos sociais e culturais, com gestores e a população local, em cada cidade onde aconteceu, dando forma a um jeito de fazer *movimentação social*.

Na perspectiva da Arte-Educação, segundo Ana Mae Barbosa<sup>16</sup>, “somente uma educação que fortalece a diversidade cultural pode ser entendida como democrática”.

*A Feira solicita solidariedade, troca, informação, criatividade, alegria, responsabilidade e oferece novos horizontes, fazendo-se símbolo da educação que acreditamos. Constitui-se num espaço de experienciar e mostrar jeitos de educar numa perspectiva de afirmação da vida e da diversidade cultural.* (CENAP, 2006, p.29)

## ARTE E IDENTIDADE CULTURAL NA RODA DA FORMAÇÃO

Do pensamento de Paulo Freire e da abordagem da Arte-Educação trazemos as conexões entre *Poesia* e *Política*, integrando o poético na educação como uma dimensão vital que transcende o poema e nos co-move através das mais diversas expressões artísticas, numa abordagem da “arte como importante instrumento para a compreensão e organização das nossas ações, por permitir a familiaridade com os próprios sentimentos, que são básicos para se agir no mundo”.<sup>17</sup>

Tal perspectiva considera que, para além de carecermos de bens materiais, carecemos todos de bens simbólicos e espirituais. Na confluência entre os bens simbólicos e espirituais, a *Arte* impulsiona relações entre pessoas e grupos, renovando vivências, tecendo laços de solidariedade, criando imaginários e poéticas imprescindíveis para o conhecimento do outro e de si mesmo. Neste sentido acreditamos que “*desenvolver-se com arte* pode contribuir para a criação de um rico imaginário, apoiado nas raízes e na

<sup>15</sup> CENAP. *Projeto Institucional*. Doc. cit.

<sup>16</sup> BARBOSA, Ana Mae. Uma Introdução à Arte/Educação Contemporânea. Em: \_\_\_\_\_ (org.). *Arte/Educação contemporânea – Consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005 (p.13)

<sup>17</sup> DUARTE JR., João Francisco. *Fundamentos Estéticos da Educação*. Campinas: Papyrus, 1995 (p.104)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

criatividade coletiva do presente; e resgatar poéticas que dão um sentido à vida em comunidade pela alegria, o lúdico, a imaginação”.<sup>18</sup>

A vivência integrada das diversas dimensões do fazer educativo – a pedagógica, a política, a estética, a afetiva – aponta para a possibilidade de “uma nova *educação poética*”, a que estamos sendo desafiados no tempo presente, como nos propõe Severino Antônio, para quem “mais do que em qualquer outro momento histórico é necessária esta compreensão do conhecimento, da aprendizagem e da reflexão como redes. Como texto, tecido de muitas vozes, em diálogos de criação.” (ANTÔNIO, 2002, p.38)

Os depoimentos e reflexões dos participantes do PIPA tomados aqui como referência, a partir do processo formativo que implicou a realização das Feiras Culturais de Arte e Cidadania, revelam que na *roda da formação*, circulando fazeres-saberes-poderes, afirmando a vida como centro do fazer-artistar-pensar educação, educadores(as) sociais/arte-educadores(as) populares afirmaram-se e se fortaleceram como tais fazendo educação na perspectiva da arte: uma *praxis* alternativa ao gosto freireano, na qual a educação é vivenciada como “um ensaio estético e ético”.

### Referências bibliográficas

ALVES HORTA, Rita de Cássia. *Perspectivas atuais do educador social*. Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación, vol.18(1), ano 14, p.75-82, 2010. La Coruña: Edição da Universidade da Coruña e Universidade do Minho, 2010

ANTÔNIO, Severino. *Educação e Transdisciplinaridade – Crise e reencantamento da aprendizagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 1998

CENAP – Centro Nordestino de Animação Popular. *Tecendo Idéias. Projeto Inclusão pela Arte*.

BORGES, Herlinda e LOURENÇO, Ivete (orgs.). Recife: CENAP, 2006

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana – danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

---

<sup>18</sup> FARIA, Hamilton e GARCIA, Pedro B. *Arte e Identidade Cultural na construção de um Mundo Solidário*. São Paulo: Instituto POLIS, 2001 (p.22)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

\_\_\_\_\_. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação n.19, p.20-28, jan./abr.2002. Rio de Janeiro: ANPEd/Auts. Assocs., 2002

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez / Brasília: UNESCO, 2000

PANTOJA LEITE, Álvaro L. *Formação de Educadores e Educadoras Sociais: uma proposta metodológica vivenciada*. Revista Fênix, a. 6, n.9, p.43-51, jan./jun.2007. Núcleo de Estudos e Pesquisas em EJA e Educação Popular. Univ. Fed. Pernambuco. Recife: NUPEP/UFPE, 2007

NUNES, Rosa S. *Nada Sobre Nós Sem Nós – A Centralidade da Comunicação na Obra de Boaventura de Sousa Santos*, São Paulo: Cortez, 2005

RIBEIRO, Marlene. *Exclusão e Educação Social: conceitos em superfície e fundo*. Revista Educação & Sociedade, vol.27, n.94, p.155-178, jan./abr.2006. Campinas: CEDES, 2006